

Vani Maria de Melo Costa¹

*“Dizer da história do corpo é o mesmo que dizer da história da vida”
(Sant’ Anna /2004,p.03)*

Resumo: O presente artigo relaciona dois conceitos: *corpo e história*, para conhecer melhor as concepções de corpo já elaboradas. Foram selecionados os autores e aportes imprescindíveis à constatação das variadas concepções de corpo interpretadas a partir da situação socioeconômica e cultural de cada momento histórico, porque o tempo foi mais um personagem desta busca. Parece pretensiosa a ideia de identificar as variações de concepção de corpo no decorrer da história, em verdade, o é. Todas as definições encontradas foram valorizadas, as de senso comum e as acadêmicas, desde que expressassem consonância com marcos teóricos da Cultura, Sociologia, Filosofia, Fisiologia, da História e da Psicologia. O estudo inicia com a pré-história e termina no tempo contemporâneo, com a percepção de que, embora difícil, é possível falar do corpo, ao longo do tempo. Os autores que compuseram os aportes teóricos foram: Eibl Eibesfeldt (1977), Carmen Soares (2004) Denise Bernuzzi Sant’ Anna (2004), Jean-Paul Sartre (1997), Jaques Lacan (1949), Karl Marx (1867), Meuleau Ponty (1941), Lev Semenovitch Vygotsky (1968) e Alexander Lowen (1978). Inicialmente o texto apresenta a justificativa de sua elaboração e uma proposta de discussão sobre o corpo, focada em um problema conceitual dualístico e polêmico. E seguida, a história do corpo com os resultados da pesquisa documental realizada. Nas considerações finais, um breve comentário para dar destaque às variadas concepções de corpo e sua contribuição com a superação do comentário acerca do dualismo psicofísico, como possibilidade que a autora vislumbra ao percorrer a *trilha* histórica, deixada pelo legado humano.

Palavras-chave: Corpo, História, História do corpo, Dualismo psicofísico e corpo.

Resumen: El presente artículo relaciona dos conceptos: *cuerpo y historia*, para conocer mejor las concepciones de cuerpo ya elaboradas. Fueran seleccionados los autores e aportes imprescindibles a la confirmación de las variadas concepciones de cuerpo interpretadas a partir de las condiciones sociales, económicas y culturales de cada momento histórico,

¹ Professora do Departamento de Pedagogia da UNEMAT, campus de Cáceres, mestre em Ensino Público pela Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT e doutora em Ciências Psicológicas pela Universidade de Havana/Cuba.

porque el tiempo fue uno más entre otros personajes de esta búsqueda. Parece pretenciosa la idea de identificar las variaciones en el concepto de cuerpo, hacia el tiempo, en un recorrido histórico, en verdad, lo es. Todas las definiciones encontradas fueran valoradas, las populares y las académicas, desde que representasen los marcos teóricos de la Cultura, Sociología, Filosofía, Fisiología, Historia y de la Psicología. El estudio empieza en la pre-historia y culmina en el tiempo contemporáneo, con la percepción de que, aun que difícil es posible hablar de cuerpo, a lo largo del tiempo. Los autores que componen los aportes teóricos son: Eibl Eibesfeldt (1977), Carmen Soares (2004) Denise Bernuzzi Sant`Anna (2004), Jean-Paul Sartre (1997), Jaques Lacan (1949), Karl Marx (1867), Meuleau Ponty (1941), Lev Semenovich Vygotsky (1968) y Alexander Lowen (1978). Inicialmente lo texto presenta la justificativa de su elaboración y una propuesta de discusión a respecto de cuerpo, fijada en un problema conceptual dualístico y polémico. Sigue la historia del cuerpo y los resultados de la pesquisa documental realizada. En las consideraciones finales, se presenta un rápido comentario para destacar las variadas concepciones de cuerpo y su contribución a la superación de lo dualismo psicofísico, una posibilidad que la autora vislumbra en su hecho de caminar por la historia, la misma que constituye el legado humano.

Palabras Clave: Cuerpo, Historia, Historia de lo cuerpo, Dualismo psicofísico y cuerpo.

A definição de corpo, um problema conceitual

Analisar a história do corpo pela ótica da evolução de sua concepção mostra alguns ensaios, com relativo êxito na definição do termo: *corpo*. Dois destes ensaios merecem destaque por sua amplitude e difusão, nos quais emergem a forma dual de pensar o corpo, forma esta, embasada em duas ciências, a Fisiologia e a Psicanálise.

A visão dual de corpo é aquela que ora prioriza a mente e ora a materialidade do corpo. Em meio a esse dualismo psicofísico o corpo passa ser definido segundo as duas vertentes teóricas mencionadas anteriormente, a vertente que o sacraliza por sua condição de casa da alma e do espírito, ambos imortais, enquanto de outro lado, a vertente que o negligencia por sua condição material e mortal, o corpo concebido em sua vulnerabilidade e inevitável perecibilidade.

A vertente Psicanalítica concebe o corpo como suporte físico da mente, todavia, explica o seu aspecto imaterial de: inteligência, emoção e sentimento. A vertente fisiológica é válida e necessária para explicar a base biológica o corpo, sobretudo da expressão corporal. Porém, não suficiente para chegar à plenitude de sua caracterização. Mesmo assim, a vertente fisiológica contribui com investigação psicológica o corpo, porque traz subjacente a influência da convivência em sociedade, com cultura e história, o que maximamente se aproxima de uma interpretação mais holística (3) de corpo.

○ uso do termo *plenitude* na referência de corpo se deve à necessidade de caracterizá-lo de forma a dar a ideia da completude percebida em suas várias dimensões: a física (materialidade do corpo em si e por si mesmo); a fisiológica (a inter-relação de sistemas e funcionamento); a social (lôcus das interações interpessoais); a histórica (a relação de

espaço-tempo da existência do corpo); a energética (a sua força motriz) e a cultural (orientações quanto ao modo como o corpo vive, como atua e reage). Em outras palavras, seria buscar descobrir os atributos que libertam o corpo de sua reclusa condição material, para tanto, o desafio está em unificar tais conceitos em uma única concepção de corpo.

A história do corpo: corpo, mente e corpomente

A história do corpo tem mostrado a submissão conceitual ao dualismo psicofísico (o material e o não material) com a tendência de ver as coisas dentro do simplismo do pensamento primitivo, em que o mundo somente poderia ser percebido em duas dimensões, acima e abaixo do olhar (terra e céu). Talvez a concepção psicofísica do corpo seja um mero resquício do pensamento primitivo fortemente tendencioso em simplificar tudo que vê, para também simplificar o entendimento de tudo que está no entorno. O mesmo que dizer: *é preto ou branco* (como se não houvesse cinza), *sim ou não*, *alto ou baixo*, *longe ou perto*, enfim, claras tentativas de fugir do meio termo, porque isso significaria complicar o entendimento e favorecer o equívoco. Contudo, o simplismo conceitual, teve seus efeitos danosos, a arbitrária fragmentação da ideia de corpo, banalizou tudo que lhe diz respeito e alijou o corpo da concepção mais completa de si mesmo. Além disso, o homem *educado* (pelo grupo familiar e escolar, no trabalho e no lazer) sempre pareceu ter dificuldade em perceber claramente e sem preconceitos o próprio corpo, susceptível aos prejuízos que tal dificuldade representa, ou seja, a dupla realidade a que se submete a pessoa, quando sua consciência é separada do corpo. A história do corpo se apresenta sob uma ordem cronológica, em que a intenção é destacar a forma como o corpo é concebido ao longo da história.

Pré-história: O corpo, o mito e a interpretação do mundo

Por mais contraditório que possa parecer, o homem primitivo talvez seja único e original, no que tange ao modo de viver em um ambiente e se percebe como parte dele (ambiente). Nos desenhos rupestres, objetos de pesquisa em sítios arqueológicos espalhados pelo mundo, oferecem muitas informações acerca da relação próxima do homem com o ambiente. Não se trata de achados de fácil interpretação, para isso é preciso considerar a aurora do pensamento humano, com a inerente dificuldade do homem primitivo, até mesmo a sua inabilidade para compreender as leis dos fenômenos naturais e considerar que tudo parecia estar em seus inícios. O incompreensível era mitificado, um recurso para explicar o inexplicável e conduzir a percepção do entorno, que o captava, em conformidade com a compreensão mítica destes mesmos eventos.

Os trabalhos rupestres mostram a representação de corpo do homem primitivo, deles emergem a sua relação mítica com o mundo circundante, cheia de medos, de sensações de impotência diante dos mistérios e da agressividade dos eventos naturais que provavelmente colocavam a vida em risco. As posturas e posições corporais, expressadas nos desenhos,

dão alguma informação de como os homens primitivos concebiam o corpo. A percepção de si mesmos se sustentava na forma como explicavam um mundo ameaçador, pelo temor que sentiam diante do perigo. Eibel Eibesfeldt (1977, p.109) sugere que o homem é um ser geneticamente pré-programado para enfrentar e superar riscos. Por isso os grupos familiares primitivos se organizavam para protegerem a mulher, a prole, os alimentos, a liderança e o território. A necessidade de proteção reforçou a concepção da vida em grupo, ou em coletividade e não como indivíduos, embora não seja possível afirmar a total ausência da individualidade. Há indícios claros da individualidade no homem primitivo, por exemplo, na ação de enterrar os seus familiares, proteger as crianças e as mulheres, cuidar dos feridos e admirar àqueles que conquistavam posições de liderança, no grupo, por meio de disputas pessoais e, quase sempre, mortais. Uma vez que o posto de liderança fosse constantemente disputado, não é difícil supor que o indivíduo primitivo poderia ter idealizado melhorar a sua posição no grupo, almejar a liderança, ou aliar-se ao líder. Nesta direção, a individuação poderia sustentar o coletivo. Em outras situações, as decisões coletivas sobrepujavam os ideais individuais. Esta afirmação se sustenta em estudos antropológicos que mostram a atitude de um idoso enfermo, em separar-se do grupo para não retardar a jornada pela sobrevivência, dos demais indivíduos.

O conceito de coletividade pode aparentemente nublar o conceito de individualidade, é irresistível imaginar um homem primitivo em seu cotidiano, lutando pelo alimento, usando seu corpo para solucionar os problemas diários, tais como: beber água no rio usando as mãos em formato de concha, cavando a terra com as mãos em formato de garras para retirar raízes e se alimentar, enfim, agarrando, pegando, saltando, caminhando, agachando e fazendo todo o tipo de coisas que posteriormente lhes foram fontes de novas ideias e criações. Talvez estas informações permitam vislumbrar a aurora do papel do corpo como mediador entre o homem primitivo e as superações das dificuldades ambientais. O corpo do homem primitivo estava em sintonia e intimidade com o ambiente, com a satisfação das necessidades e a solução dos problemas imediatos do cotidiano, no tempo em que não existiam tantos instrumentos, o corpo, em si, era o instrumento de mediação do homem com o mundo.

Antiguidade: Índia e Egito

Da pré-história para a antiguidade, um enorme salto temporal para encontrar a cultura asiática, uma entre as mais antigas do mundo a conceber o corpo em duas dimensões que se fundem: a espiritualidade e a política. Para os hindus, em especial, a concepção de corpo emerge de cultura milenar, cujo entendimento da materialidade do corpo aceita a sua *pluralidade*, em camadas sobrepostas e interdependentes, que identificam as dimensões do corpo: a física, a fisiológica, a energética, a social, a psicológica, a filosófica, entre outras. O corpo material se constitui de outros tantos corpos: o mental, emocional, espiritual, e todos formam partes de um só corpo a ser conhecido parte por parte, para definir a sua materialidade, necessidades e desejos de elevação espiritual.

A ideologia budista (4) e a bramanista (5) apresentam o consenso de que o espírito deve liberta-se de todo o tipo de dependência do mundo material para que o corpo seja conhecido em sua essência. Os bramanistas conseguem ouvir as batidas do próprio coração, o ruído do sangue a correr pelas artérias e outros sons do corpo, habilidade esta considerada quase impossível para o homem ocidental. A cultura asiática valoriza o domínio do corpo e a liberação do espírito, entende que o corpo aprisiona o espírito com suas necessidades e dependências. Estas, por sua vez, são as causadoras das sensações de incompletude e insatisfação que submetem o corpo a um estado de sofrimento constante. Por isso, o corpo precisa ser dominado, reeducado para não desejar o impossível, somente assim, seria possível aplacar a dor e libertar o espírito do sofrimento.

A ideia de libertação do espírito, por si só, implica em supremacia do espírito sobre o corpo, porém é preciso cuidado em tal afirmação. Paradoxalmente a esta ideia, os povos asiáticos também enfeitam magnificamente seus corpos com tintas de cores variadas, tecidos, brilhos, pedras preciosas, semipreciosas e outros realces, cujo efeito leva a crer tratar-se de povos vaidosos. Para Lobsang Rampa (6) “o corpo é a vitrine do espírito” (1959). O homem e a mulher de cultura hindu indicam a sua classe social pelo tipo de vestimenta, tatuagens e jóias que usam, transformando o corpo um objeto de informação social. Todavia, a vaidade comum a todas as castas revela a sua valorização e sugere que entre eles o corpo não esta relegado ao espaço da obscuridade, do esquecimento ou do apagamento.

Hindus e egípcios têm características culturais comuns, seus corpos trazem as marcas de suas identidades definidas segundo a condição de nascimento, um corpo é nobre porque assim determinaram os deuses, e como tal, devia ter a aparência divina que os destacava dos demais, os não nobres. Mesmo após a morte, a mumificação separou e diferenciou o nobre e o rico, daqueles que, sem recursos, eram condenados ao pó. Tais padrões culturais indicam que o domínio do corpo foi essencial para estes povos e seus desejos de encaminhar o espírito, após a morte, para a conquista da felicidade eterna.

Subliminarmente, as culturas, hindu e a egípcia sugerem o corpo como barreira para a evolução do espírito e, por mais que o ornamentem, este permanece um empecilho à própria transcendência. Estas mesmas culturas estimulam a ornamentação do corpo para delimitar as fronteiras socioeconômicas, para marcar as distâncias entre classes sociais, tanto em vida, como após a morte. Os egípcios mumificavam os corpos (dos ricos, cultos e sacerdotes) para que estes servissem de moradia da alma, na eternidade. Em outras culturas, o corpo cremado incandesce com o efeito do fogo (símbolo da purificação e da renovação), vira cinzas e solta fumaça. Os indianos cremam o corpo para liberar o espírito da matéria e alcançar a vida eterna, embalado pela fumaça que sobe aos céus.

Em ambas as culturas (hindu e egípcia), o corpo mumificado ou cremado é concebido como condutor da alma, guardião de sua última jornada. A atribuição de tal responsabilidade ao corpo denuncia a sua importância, como condutor, o corpo é transmutado e purificado para acompanhar a alma, e provavelmente se transformar nela.

Período clássico: Grécia

O pensamento clássico, em destaque o socrático, caracteriza-se pela importância dada ao espírito inquieto, que busca com a ironia descobrir e interpretar o mundo circundante. Segundo Sócrates (469-399 a.C), o conhecimento está dentro de cada homem e mulher, e sugere ser suficiente a aplicação do método indutivo para chegar à elaboração dos conceitos científicos sobre todas as coisas.

É difícil encontrar registros claros de como Sócrates tratava as questões relacionadas ao corpo, o que se sabe é que a partir do pensamento socrático foi possível a criação de escolas secundárias de pensadores, a exemplo, os hedonistas. O hedonismo se refere ao modo de vida de determinados grupos de pessoas, cujo único interesse é a satisfação dos desejos do corpo. Sabe-se, pelos registros históricos, da não aceitação da sociedade da época, ao modo de vida de Sócrates, sobretudo ao tipo de relação que este mantinha com os pupilos. Sócrates postulou que para conhecer profundamente as sensações corporais e o prazer, estes deveriam ser explorados na dimensão de seus limites. A conclusão é de que Sócrates destacou o corpo como recurso importante na procura por respostas que levariam ao conhecimento.

Platão (428/27-348/47 a.C), quase ao mesmo tempo de Sócrates, discutiu a dialética, a física e a ética, ressaltou a espiritualidade e o divino. Aparentemente, reforçou o dualismo conceitual de seu antecessor. Entretanto, um olhar mais atento descobre que, também à sua maneira, Platão delegou dimensões ao corpo. Em número de três, estas dimensões retratam o corpo racional, o irracional e o apetitivo. A dimensão racional é superior às demais porque se localiza no cérebro, a irracional no peito e a apetitiva nas entranhas. Por mais estranho que pareça, Platão localiza a imaterialidade do corpo dentro do próprio corpo, por isso ele pode ser o primeiro a deixar uma abertura para a superação das concepções dualistas e corpo, as mesmas que tanto dificultam a sua compreensão. Sem parecer otimismo excessivo, e mesmo ciente de que Platão tenha concebido o corpo uma prisão da alma, o relevante nele é percepção de que o corpo teria funções subjetivas. Platão atribuiu capacidade de subjetividade ao corpo, o retirou da pura e única condição material, com isso, inseriu algo mais a esta discussão. Ao mesmo tempo em que admitiu a existência das funções subjetivas, alertou quanto à necessidade de manter os exercícios físicos, para que a alma sã habitasse um corpo sã. Contudo, o pensamento de Platão deixa dúvidas se haveria, ou não, dualidade em seu conceito de corpo.

Aristóteles fez importante ingerência na concepção de corpo e o insere no âmbito do pensamento metafísico. Embora a metafísica alije o corpo do mundo sensível, a idéia aristotélica de existência do corpo como algo individual e real, merece destaque. O corpo não é imóvel, tem movimento e por isso produz causa e efeito. Essa ideia permite a ancoragem de outra, também defendida por Aristóteles, a de que o corpo não é um mero objeto material, porque tem poder para transformar as coisas, ao mesmo tempo em que se transforma.

Hipócrates (460-377 a.C) acreditou na ideia de que a natureza condiciona a saúde humana, este filósofo se encontra entre os primeiros a atribuir ao corpo qualidades como:

frio, úmido, quente e seco. Se ainda fosse vivo, poderia ser considerado um naturalista, devido ao postulado de que os alimentos deveriam combinar com os humores das pessoas, alimentos frios para pessoas frias, quentes para as pessoas quentes e assim por diante. Hipócrates concebeu o corpo não alienado das coisas do seu entorno, e sim sintonizado com a natureza.

A cultura grega em geral, difundida nos contextos das cidades-estado, deixa pistas da concepção diferenciada de corpo, um exemplo, Esparta e Atenas. Em Esparta, o perfil de homem predominante na educação dos jovens era o da virilidade, força e coragem, atributos essenciais aos soldados destinados às guerras. Em Atenas o perfil se definia pela formação do jovem, hábil nos jogos individuais e coletivos, versado nas artes na literatura, na oratória e na filosofia, atributos do homem culto. Ambas as cidades cultuaram a beleza do corpo forte ou suave, os contornos e definições do corpo, feminino e masculino, deveriam levá-lo mais próximo possível da perfeição.

Idade Média: as oscilações conceituais de corpo, atraso e avanço das ciências

A Idade Média mostra um período não tão inócuo, quanto se pensava. Graças à coragem de muitos, o conhecimento foi produzido, mesmo que sob o obscurantismo *da luz das velas*, devido às ameaças da Santa da Inquisição europeia (7). Entre todos os pensadores deste período, se deve justiça a Santo Tomas de Aquino, por romper laços com filosofia aristotélica e unir alma e corpo em um só composto substancial. Para o tomismo, o corpo educado se transforma em santuário da alma, o que revela a supremacia da alma sobre o corpo. Mesmo não tendo superado o dualismo psicofísico entre matéria e mente, Tomas de Aquino colocou o corpo em um patamar mais elevado, quando lhe atribuiu uma valoração mais próxima àquela dada à alma. Ao enfatizar, conceitualmente, que a alma deve a sua existência ao corpo, a visão tomista deu início ao entendimento de que existe uma relação de interdependência entre o corpo e a alma.

Não obstante a todo obscurantismo da Idade Média, nessa época as concepções clássicas de corpo foram definitivamente superadas, talvez influenciadas pela aproximação dos ares do renascimento.

Com o advento da Fisiologia e as descobertas das funções internas que revelaram os sistemas biológicos do corpo, a preocupação com a condição física do indivíduo se centrou nos alimentos, vistos como combustíveis da máquina corporal e garantia de vida saudável. Simultaneamente, surgiu a percepção de que o alto índice de mortes na população europeia e da facilidade com que proliferavam as pragas nocivas à saúde (endemias e pandemias), teria como causas as cidades com seus esgotos a céu aberto e na precária higienização do ambiente e do corpo. Interessante notar que não somente o corpo foi alvo de preocupações, mas também o ambiente ao seu redor.

Leonardo da Vinci (apud SANT'ANNA) escreveu em seu tratado de pintura, o seguinte:

Se o corpo precisa de ossos para a sua sustentação e armadura, a terra tem as pedras para a sua sustentação. Se o homem tem um lago de sangue que se deriva em veias, o corpo da terra possui o mar que se ramifica

em diversos rios. O frio, o seco, o quente e o úmido são tanto qualidades da água, do fogo, da terra e do ar quanto dos quatro humores que participam de maneira essencial do funcionamento fisiológico: o sangue, elemento quente que vem do coração, o fleugma (8) o elemento frio que vem secretado pelo cérebro, a bÍlis amarela, elemento seco que vem do fÍgado, a bÍlis negra originada do baço, formavam os quatro humores do homem (Sant`Anna/04, p.13).

Por muito tempo, a definição dos quatro humores do corpo, serviu de diretrizes para a medicina ocidental.

Da Vinci faz a equivalência entre as energias do corpo e as energias do planeta terra, tal como Heródoto, observou a importância das composições quÍmicas, quando relacionadas às reações de humor do homem. A expressão de tristeza ou alegria, desconfiança ou confiança, seriam reações emocionais e sentimentais advindas tanto do exterior, como do interior do corpo. Assim, o corpo material expressa a sua subjetividade, segundo o contexto vivenciado, influenciado pelas reações quÍmicas ao ambiente. Da Vinci magistralmente explorou as reações humanas e fez e sua habilidade em manipular as cores, a arte de provocar variadas emoções e sentimentos.

Idade Moderna: Segunda metade do século XVII

Baruch Spinoza (2007) oferece ao mundo a primeira possibilidade concreta de se superar o dualismo psicofÍsico do corpo, mas para isso é necessário um olhar capaz de compor integralmente o pensamento de que os homens são passivos e ativos de corpo e alma, nem a alma pode determinar o corpo e nem a alma pode determinar o corpo e nem esse pode determinar à alma o movimento e a atividade.

 teocentrismo d lugar ao geocentrismo e este ao antropocentrismo (9), são ideias que subsistem juntas por longo tempo em embates motivadores do desenvolvimento cientÍfico, a capacidade intelectual se torna mais aguçada, a investigação cientÍfica é atingida pelos questionamentos agressivos, acerca de seus métodos de investigação, o empirismo experimento um estremecimento interior, que o obrigou a rever seus conceitos. Surgem novas teorias no panorama cientÍfico, entre elas, se destaca Lavoisier e a máxima: *na natureza nada se perde e nada se cria, tudo se transforma*. Por conclusão obvia, o corpo se transforma, portanto, a matéria  transmutvel.

Contemporaneidade

A contemporaneidade não seria a mesma sem Michel Foucault, tão pouco as concepções de corpo do passado, porque o seu pensamento as iluminou e, com propriedade, as sintetizou em uma intenção geral sobre a preocupação com o corpo. A constatação de Foucault de que no passado a preocupação com o corpo era a de que este fosse bem alimentado. A partir do século XII, a preocupação se desloca para a sexualidade o

corpo, ou suas práticas sexuais. Por consequência deste deslocamento conceitual, surgiu a necessidade da formulação de um conjunto de códigos para controlar o corpo social. Consequentemente, as pessoas se submetem aos códigos urbanos em nome da segurança (SANT`ANNA/04ps.13 y 14). O código de conduta foi resultante das transformações nos modos de vida social e estabeleceu poder de controle sobre o corpo sendo muito reforçado pelas posições dogmáticas das igrejas. Para Foucault (11), o corpo é um objeto controlado socialmente, subjugado por normas e códigos, mesmo assim, a maior contribuição deste pensador esteja em sua concepção de corpo social orgânico, com a capacidade de rebelar-se frente ao controle social, justamente por estar organizado (FOUCAULT, 1994). Na obra "Historia da loucura" (1961), o autor parece desejar libertar o corpo de todas as contradições geradas pelos códigos sociais.

Até o momento histórico abordado, o aspecto transcendente do corpo, a alma, espírito, mente sempre foi alvo de maior atenção e valorização, por outro lado, o materialismo naturalista, a exemplo da escola psicológica: o comportamentalismo privilegia o corpo o corpo a ponto de afirmar que a consciência é apenas a exteriorização do comportamento. Já o materialismo dialético, visto nas ideias de Karl Marx (1867), (10) define o corpo como objeto e, nas relações mercado-capital, o corpo adquire atributos negociáveis no mercado de trabalho. Com tais atributos lhe é permitida a condição de inserção e competitividade. Porém, afetado pela lei da oferta e da procura, o trabalhador se obriga a vender a sua força de trabalho a quem oferecer valor mais alto, e isto o transforma em mercadoria usada à conveniência do comprador, por isso, a necessidade de se ter criado as leis trabalhista (COSTA, 2005).

Merleau Ponty (1941) oferece uma visão alternativa de corpo, diferente da visão marxista de redução do corpo a objeto negociável, no mercado de trabalho (crítica da autora). Ponty concebeu o corpo em duas funções dinamicamente interdependentes, de sujeito e objeto, enquanto sujeito é objeto e enquanto objeto é sujeito. Um objeto que não está dentro do espaço, ele está no espaço e é o espaço, o espaço do corpo, interna e externamente. Completa ainda: "A especialidade do corpo é a o desdobramento do seu ser de corpo, é a maneira pela qual se realiza como corpo. [...] As diferentes partes de meu corpo, seus aspectos visuais, táteis e motores, não estão simplesmente coordenados" (Ponty, 1941, p. 160).

Todos os movimentos do corpo estão à disposição, a partir de suas significações comuns. Por isso, nas primeiras tentativas de apreensões da criança, ela não olha as mãos, e sim o objeto alvo da apreensão. Os diferentes segmentos do corpo não são conhecidos em seu valor funcional e sua coordenação não é aprendida. O indivíduo, sentado à mesa, pode visualizar as partes do corpo que estão escondidas pela mesa, pode também contrair o pé, dentro do sapato, e o ver. Este poder pertence ao indivíduo, mesmo para partes do corpo que nunca viu. O que é reconhecido não é o que frequentemente é visto e sim a representação visual do que, no corpo é invisível para o indivíduo. Ponty parece complexo com a colocação do corpo e suas partes invisíveis, por outro lado, se observar que enquanto o sapato é colocado, o olho visa o sapato e não o pé, a ideia da invisibilidade de partes do corpo parece mais fácil de ser compreendida. Sobretudo quando Ponty comenta:

Cada um de nós se vê por um olho interior, [...] Assim, a conexão dos seguimentos do nosso corpo e a de nossa experiência visual e nossa experiência tátil, não se realiza pouco a pouco e por acumulação. Não reúno as partes do meu corpo, uma a uma: esta tradução e esta reunião são feitas de uma vez por todas em mim, são meu próprio corpo (PONTY, 1941, p. 160 e 161).

A conexão de partes do corpo é antecipação da ação deste (conjunto de movimentos), em função do sentido e função do objeto de interesse e da própria ação. A articulação das partes do corpo, em uma ação única, acontece, não pelo corpo em si, mas pelo valor e valoração que o objeto representa, pela necessidade e o interesse que se tem do objeto da ação.

O corpo é sujeito da ação, ao mesmo tempo, o objeto que a realiza, com isso, Ponty sugere a fusão do corpo ao objeto, devido à importância do objeto, alvo da ação que transforma o corpo em objeto do sujeito que a pratica. Exemplifica com o bastão que não separado do braço e sim uma extensão deste. Assim como o garfo é a extensão da mão e do braço na alimentação, ou a caneta extensão do corpo no ato de escrever.

Ponty pode não ter a precípua intenção de se contrapor ao dualismo psicofísico presente na concepção de corpo, mas as suas ideias contribuem para a contraposição ao dualismo conceitual de corpo, quando apresenta a *síntese do corpo próprio* (p. 159 e 163) como sinergia existente entre consciência e corpo, em que a consciência é corpo (sujeito e objeto) se percebendo com tal.

Outros autores fazem parte desta seleção, deles foram retirados pressupostos que mostram intimidade com a concepção de corpo, entre eles: Sartre (2003), Lacan (1949), Vygotsky (2005) e Lowen (1982). Seleção esta, realizada com cuidado especial porque, embora sintônicos, os autores são representantes de correntes de pensamento diferentes.

No existencialismo de Jean Paul Sartre (2003), (11) tem uma definição fenomenológica de corpo, que se resume na consciência do próprio corpo. Aparentemente a materialidade poderia estar relegada a um segundo plano. O papel de Sartre na seleção ora colocada, a princípio, não se firmaria como parceiro argumentativo, em defesa das concepções holísticas de corpo. Fazê-lo seria reafirmar o dualismo que privilegia a mente em detrimento ao corpo, o que contrapõe à concepção holística. Entretanto, um olhar mais aguçado sobre os pressupostos de Sartre na obra, *O SER E O NADA* (Ed.2003) revela neste autor, um parceiro de grande peso teórico.

Explica o autor que a percepção humana é, em si, um fenômeno (Sartre, 2003, p. 15 e 59), isto porque, por meio da consciência, pode o corpo transcender para fora de si e somente quando o faz para fora, consegue identificar-se enquanto corpo. A força maior que leva o corpo à sua transcendência é a mesma que faz com que os corpos das pessoas necessitem da presença de outras pessoas para manter a existência corporal (SARTRE, 2003, p. 232).

O corpo percebe a sua existência no que Sartre chama de *as estrutura imediatas do PARA-SI*, que envolvem o conceito de *EM-SI*:

[...] o ser da Consciência, na medida em que este ser é Em-si para se nadificar (12) em Para-si, permanece contingente; ou seja, não pertence à consciência o direito de conferir o ser a si mesma, nem o de percebê-lo de outros [...] trata-se de valor e não de fato ... o Em-si é para perder-se em Para-si. O Para-si é o Em-si que se perde como Em-si para fundamentar-se como consciência (Sartre, 2003, p. 130 e 131).

O que parece tão sedutor no pensamento sartreano é a própria percepção não isolada de corpo, a percepção do corpo Em-si somente acontece como resultado da percepção do corpo Para-si, que por sua vez, é o Em-si que se nadifica e transforma em consciência. A formação do Para-si carece do outro (outra pessoa) para formar o Outro (eu), que se pode sintetizar a partir da percepção de outras pessoas sobre aquele que se percebe percebido por elas. Sartre vai além, *dialoga* com Platão e considera um ponto de vista curioso: o corpo é aquilo que individualiza a alma (p. 393). Consensual a Platão, Sartre completa: “Seria inútil, apenas, supor que a alma possa desgarrar-se desta individualização, separando do corpo pela morte ou pelo pensamento puro, pois a alma é o corpo, na medida em que Para-si é a sua própria individualização” (SARTRE, 2003, p. 393).

Nesta direção, Jaques Lacan (1936 e 1949) denomina *especular* (13) a relação que o indivíduo tem com outros. Também denomina como *estádio do espelho*, o momento do desenvolvimento infantil, em que o bebe, antes dos seis meses não reconhece a própria imagem no espelho. Ao ser colocado a ver a própria imagem espelhada, procura atrás do espelho, pelo outro bebe que imagina estar ali. Após esta idade, processualmente, com a contribuição dos familiares que se comunicam com ele, por meio de: brincadeiras, carícias táteis, comentários e olhares, o bebê aprende que a imagem no espelho é a sua própria.

A relação especular entre pessoas é essencial, embora olhar nos olhos do outro seja uma questão cultural, para algumas culturas a troca de olhares pode ser interpretada como desrespeito, para outras é essencial à comunicação, aumenta o sentido de aceitação social. Apesar das diferenças culturais, o que se destaca no pensamento de Lacan é o pressuposto de “que é no olhar do outro que cada indivíduo se reconhece como tal”, mesmo que se aliene no olhar do outro, distanciando-se do *eu* desejado (LACAN, 1949, p.163-164).

Em Lacan e Sartre, o indivíduo precisa de outros indivíduos para auto identificar e conceber, ambos fundamentam a consciência como ato social, não refém da materialidade do corpo, o indivíduo não se individualiza sem a contribuição de outras pessoas, ou sem projeta-se nelas.

Também foi chamado o pensador Lev Semenovich Vygotsky (1986), um autor que traz ao diálogo a ideia de que corpo usa instrumentos e mediação para desenvolver e aprender, aprender sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Vygotsky, em sintonia teórica com Spinoza, elaborou a famosa frase: “Não se sabe o que pode o corpo, ou o que se pode tirar da consideração de sua natureza própria” (14). No tocante aos processos de desenvolvimento e aprendizagem, é difícil estabelecer limites ao corpo. Um indivíduo passa a vida em processos de desenvolvimento e de aprendizagem, processos estes que resultam em novos processos de transformação. Assim, não parece prudente ter a pretensão de

predizer a fronteira do potencial do corpo.

Em Vygotsky, os signos mentais são incorporações do corpo, integrados à conduta, os indivíduos são o que aprenderam a ser no orgânico social, com a ajuda de outros com maior experiência. O corpo mostra o resultado de sua adaptação aos contextos aos quais se insere. Expressa também o modo como percebe o mundo, com as marcas da emoção e dos sentimentos que afloram, delineando o corpo e lhe proporciona experiências.

A vivência é pessoal, um mesmo ambiente, com iguais recursos materiais, oferecidos aos indivíduos não lhes garante um desenvolvimento também igual. Isso porque, cada evento que passa no ambiente é percebido por cada um de maneira diferente e, a reação às mudanças do entorno é pessoal, ou seja, diferente para cada corpo.

Alexander Lowen (1982) aborda as sintonias e desajustes de sintonia, da expressão do corpo, que percebe e reage à realidade. A percepção e a reação da realidade podem estar em sintonia, ou em desajuste de sintonia com o real, afetam a emoção e os sentimentos e levam o indivíduo a criar o sistema de mecanismos de defesa, com o qual enfrenta as dificuldades da vida, com os seus encantos e desencantos.

Os estudos de Lowen iluminam a conduta humana em detalhes muito específicos, interpretada por ele a partir de posturas físicas, passando pela posição do corpo, seus movimentos, gestos e pequenas alterações que se expressam como variações importante, capazes de mudar o sentido geral de uma expressão corporal. O autor faz uso da fisiologia e caminha pelo campo das idéias condutistas, sem se deixar contaminar ou dominar por esta concepção comportamentalista. A conduta humana é fruto da interação da pessoa com o ambiente, da influencia das relações sociais e da cultura, muito valorizada na compreensão da existência das pessoas, porque nas expressões corporais, de cada uma, ele percebe a presença de tais influencias.

Lowen é um psiquiatra com larga experiência terapêutica, o foco de sua atenção é dirigido para a conduta corporal de seus pacientes, as palavras são interpretadas a partir da conduta devidamente relacionadas aos seus contextos. Nas terapias loweanas cada palavra parece passar pelo filtro do corpo, a aceitação ou não, da relação dos pacientes com o seu corpo revela detalhes da história de vida dos mesmos. Além disso, Lowen não se limita à presença física de seu paciente, ou ao momento do diálogo com ele. Em cada caso busca a história da família, do trabalho, do lazer, bem como em outras histórias para argumentar em favor do não isolamento do indivíduo. Para ele, ninguém é um indivíduo isolado em si mesmo, as relações sociais estão presentes no sujeito e em suas expressões corporais. Tanto para Vygotsky, como para Lowen, o corpo é a tela das emoções e dos sentimentos de origem externa e interna, emana a própria vivência, o modo como o sujeito/paciente se percebe percebido por outro do seu entorno.

Considerações finais

Após ter realizado um percurso pela história, dialogado com alguns autores, é chegado o momento de finalizar e reafirmar que o presente trabalho não teve a pretensão de definir a história do corpo, muitos autores, que ao tentar antes, expressaram dificuldades

em fazê-lo. Constatou-se que tais dificuldades são reais e mesmo sendo reais, ficou comprovada a preocupação com o corpo ao longo dos tempos, o que tornou possível dialogar com as ideias e seus autores, estabelecer sintonias e contrapontos e, com isso, lançar outras à discussão. Muito ainda há para ser debatido na direção de uma definição holística de corpo, uma vez que o seu trato holístico provou ser uma tendência presente não somente no pensamento dos séculos XX e XXI, e sim um pensamento crescente na história humana. Aos autores, os créditos merecidos, porque tiveram a coragem e a convicção necessárias à exposição das ideias, mesmo que avançadas para o tempo em que estas foram formuladas. Graças a todos eles, a superação do dualismo psicofísico existente na concepção de corpo, passou a ser uma possibilidade real.

Índice de Referências

- (1) Prof^a. Dra. Vani Maria de Melo Costa, efetiva na disciplina Psicologia da Educação, no Departamento de Pedagogia, da UNEMAT, campus de Cáceres, mestre em Ensino Público pela Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT e doutora em Ciências Psicológicas pela Universidade de Havana/Cuba, ref.p1
- (2) Conceber o corpo como partes estanques, ou seja, de um lado a alma, de outro a matéria (corpo). Dicionário de Psicologia/2003 ref. p3
- (3) A tendência em sintetizar unidades em totalidades organizadas; o corpo como um todo organizado. Dicionário Aurélio, ref. p.2.
- (4) Sistema ético, religioso e filosófico, fundada por Siddharta Gautama, o Buda, na Índia Central em 563 a 483 a.C., ref.p5
- (5) Organização social, política e religiosa, votada para a orientação litúrgica do Veda, exercida por sacerdotes hindus, ref.p.5
- (6) Lobsang Rampa, filósofo tibetano dos séculos XIX e XX, autor de: Manto amarelo, Entre os monges do Tibet, A sabedoria dos Lamas, O médico de Lhasa, A terceira visão e outros, ref. p.6.
- (7) Movimento da Idade Média, liderado pela Igreja católica, em combate aos hereges, pagãos e insurgentes ameaçadores da fé, com a prática da investigação e do julgamento, geralmente culminados com sentenças de morte, ref. p 9.
- (8) Também pode ser grafado: fleuma, humor corporal, estado de ânimo. Dicionário Aurélio, Ref.p10.
- (9) Estágios da evolução do pensamento científico, em que o foco no divino se desloca para o entendimento da organização do sistema solar e deste para a compreensão da origem e evolução da raça humana. Dicionário Aurélio, ref. p. 11.
- (10) O capital, seção 4, obra de Karl Marx (1867), ref. p.12.
- (11) Michel Foucault, autor de: Sexualidade e solidão, publicada em 1994, ref.p.12.
- (11) Jean Paul Sartre autor de: O ser e o nada, (2003), em que explora a concepção de homem sob a visão do existencialismo, corrente de pensamento, iniciada por Sören Kierkegaard (1813-1835), ref. p.14.
- (12) Nadificar, transformar em nada, conceito usado por Sartre (2003) para fundamentar a transcendência do corpo, ref. p.15.
- (13) A comunicação olho no olho, a busca pela afirmação no olhar do outro, ref. p.15.
- (14) B. Spinoza "Ética" Parte 3, Proposição 2, Escólio, ref.p.16. Autentica, Belo Horizonte 2007

Referências Bibliográficas

- Beatón. Guillermo Arias, **A pessoa no Histórico Cultural**, Linear, SP/2005.
- Costa. Vani M. De Melo, **A expressão Corporal e a sua relação com a Situação Social de Desenvolvimento em crianças de idade escolar de um assentamento campesino brasileiro**. Tese de doutorado, UH/2006.
- Eibesfeldt. Eibl, **O homem pré-programado**. Alianza Editoria, Madri 1977.
- Foucault. Michel, **Sexualidade e solidão**, Ed. Perspectiva, SP/1994.
- _____, **História da Loucura**, Ed. Perspectiva, SP/1978.
- Lacan. J, **O estádio do espelho como formador da função do EU, tal como se nos revela na experiência psicanalítica**, Escriptos I, Buenos Aires/1949.
- Lajonquière. Leandro de, **DE PIAGET A FREUDO**, Ed. Vozes, RJ/1992.
- Lowen. Alexander, **Bioenergética**, Summus-Editorial, 6ª edição, SP/1982.

-
- _____, **O corpo traído**, Summus-Editorial, 6ª edição, SP/1979.
- Marx. Karl, **O capital**, seção 4, obra de (1867).
- Ponty. Maurice Merleau, **A Fenomenologia da Percepção**, Ed Vozes, 1ª edição/1941, SP, tradução/1971.
- Rampa. T. Lobsang, **A terceira visão**, Ed. Record, RJ/1978.
- _____, **Entre os monges do Tibet**, Ed. Record, RJ/1963.
- _____, **A sabedoria dos Lamas**, Ed. Record, RJ/1965.
- Sant`Anna. Denise Barnuzzi, **Corpo e História, Cadernos de Subjetividade**. PUC, SP/1996.
- _____, **O prazer justificado, história e lazer**, CNPq, Marco Zero/1994.
- _____, **Políticas do corpo**, Ed. PUC/SP/1995.
- _____, **O corpo entre antigas referencias e novos desafios**, Cadernos de Subjetividade, PUC/SP/1998.
- Sartre. Jean-Paul, **O ser e o nada**. Ensaios de Ontologia Fenomenológica. Ed. Vozes, Petrópolis RJ/1997.
- Soares. Carmen, (org.) **Corpo e história**, Ed. Autores Associados, Campinas, SP/2004.
- Spinoza. B. "Ética", Parte 3, Proposição 2, Escólio/Cuba/Havana/2005.